

SALVADOR

HISTÓRIAS DE INFÂNCIA E EDUCAÇÃO



APRESENTAÇÃO

Entrevistar para conhecer, para reconhecer, para compreender que histórias de vida compõem um universo muito maior do que a trajetória pessoal do entrevistado.

Foi nessa perspectiva que, incentivados por seus professores, alunos de escolas municipais de educação básica realizaram o projeto Memória Local na Escola.

Leituras, desenhos, reflexões sobre os conceitos, princípios e diretrizes que envolvem a metodologia de entrevista de história de vida, a escolha do entrevistado, a elaboração de roteiro, o que programar antes, como se comportar durante e o que fazer após a entrevista foram alguns dos aspectos trabalhados com professores e alunos, e este livro é resultante das múltiplas possibilidades de produções escritas e gráficas realizadas pelos alunos.

As histórias aqui registradas são uma homenagem a todos os moradores do município. Temos certeza de que você vai se surpreender com os relatos e com a capacidade dos alunos de expressar o que ouviram nos textos e desenhos dessa publicação.

Você, leitor, está convidado a parar um tempinho para se deliciar com as histórias e memórias de pessoas que talvez conheça pessoalmente, talvez seja seu vizinho ou da sua família, descobrir as semelhanças e diferenças. Assim estará olhando também para você mesmo.

Esta ação faz parte do Plano Anual de Atividades do Museu da Pessoa de 2019 (Pronac 18.3727) realizado pelo Ministério da Cidadania, Secretaria Especial da Cultura e pelo Instituto Museu da Pessoa através do Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac) em parceria com o Instituto Avisa Lá e com o patrocínio da Ultragaz / Brasilgás.

Museu da Pessoa e Avisa Lá





Uma vida bem vivida

Valmir Cerqueira nasceu no dia 9 de abril de 1949, na cidade de Salvador, na Maternidade Tarsila Balbino. Foi criado pela sua avó, dona Felicidade, que era uma matriarca respeitada não só pela sua família, mas também pelos moradores do bairro. Todos pediam a sua benção e, aquele que esquecia, recebia uma enorme bronca dos pais. Após seu falecimento, a rua em que morava recebeu o nome de Av. Felicidade em sua homenagem.

Na sua infância aproveitou e aprontou muito com seus amigos e primos. Sua diversão predileta era ir até o Cemitério Campo Santo, onde armava armadilhas para pegar papa capim e, durante a espera, subiam nas jaqueiras com canivete para retirar as frutas e faziam apostas para ver quem comia mais.

Como em todos os grupos de amigos, eles tinham apelidos que não eram tão comuns assim, como Formiguinha, Vainha, Zé Isca, Zé de Amanda e Chico Burro, mas, ao contrário de hoje, não era considerado bullying. Quando se encontram, mesmo depois de adultos continuam se chamando pelos seus apelidos de adolescência.

Outra grande ocasião era ir assistir televisão, uma vez que em suas casas não tinham. Eles iam até outros bairros próximos, de pessoas com mais recursos, que moravam em casa-

rões e ficavam assistindo pelas janelas; de vez em quando eles eram convidados a entrar e se sentar junto aos moradores do casarão.

No bairro do Altos das Pombas, para ter água era necessário enfrentar a fila do chafariz; tinha que acordar cedo e se ligar no horário, pois abria às oito horas da manhã, fechava na hora do almoço e reabria às duas da tarde até as cinco horas. Nessa época, era a única forma de ter água em casa.

Na escola era uma farra. A professora ensinava as quatro operações que naquela época era o necessário para se conseguir um bom emprego. Durante o recreio, ia até a casa da avó merendar e voltava correndo para o campo ao lado da escola. O baba era sagrado.

Ele casou, teve um casal de filhos e se aventurou mudando-se para o bairro do Jardim Cruzeiro, na Cidade Baixa. Essa mudança durou pouco, mas rendeu grandes amizades, que duram até hoje.

Hoje está aposentado, é avô de três crianças – uma menina e dois meninos – e vive no seu bairro do coração, o Alto das Pombas.

Valmir Cerqueira Santos foi entrevistado pela professora Berla Oliveira de Almeida Aquino e seus alunos da EM Professor Antonio Carlos Onofre. Esse texto foi produzido coletivamente pelos alunos.



ELIVANDRO

Um exemplo de superação

Elivandro Paraguaçu de Santana nasceu na cidade de Santo Amaro da Purificação, na Bahia, em 18 de agosto de 1980, filho de Elza Conceição dos Santos e de Evandro Paraguaçu de Santana.

Dona Elza criou Elivandro sem ajuda do seu pai, Evandro, que era pescador. Ela era marisqueira e passava muito tempo no mangue catando os mariscos. Época difícil, dona Elza não tinha dinheiro para comprar um lápis. Elivandro recebia, como doação dos amigos, folhas de caderno para escrever na sala de aula.

A mãe de Elivandro foi expulsa da casa da sua família quando ficou grávida. Um senhor da comunidade, compadecido com a situação, ajudou a fazer uma casa de taipa para ela morar, mas quando chovia molhava tudo.

Bem mais tarde, já adulto, Elivandro recebeu um convite para trabalhar na Petrobras. Constituiu família com Ezenilde, tiveram três filhas. Acreditou que somente pela educação poderia dar melhores condições de vida para as filhas.

Atualmente mora na Ilha de Maré. É professor, assistente de saneamento, gestor ambiental e especialista em Direito de Comunidades Tradicionais e Quilombolas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Elivandro Paraguaçu de Santana foi entrevistado pela professora Ivete Cirqueira dos Santos Gonzaga e seus alunos da escola EM Nossa Senhora de Fátima. Esse texto foi produzido coletivamente pelos alunos.



Uma vida de ajuda ao próximo

Maria Luisa foi criada pelos avós José e Olga em uma casa grande e muito bonita no bairro do Bonfim, em Salvador. Aos domingos, reuniam a família e aproveitavam para ensinar a todos que deviam amar o próximo e respeitar as pessoas. Esse respeito era também observado com as pessoas carentes do bairro que eram convidadas para as festas que os avós organizavam no casarão.

Foi com a avó que Maria Luisa aprendeu a solidariedade: aprendeu a cozinhar e organizar eventos para os mais necessitados. Já o seu avô lhe contava histórias. Uma que gostava de ouvir era a história de Toquinho e cantava a música: "Vou fazer um barquinho de papel, de papelão para levar o meu Toquinho..." Às vezes ela ficava triste imaginando como seria quando o seu avô morresse.

A infância de Maria Luisa foi muito boa, cheia de brinquedos; tinha uma linda coleção de bonecas, algumas eram importadas. A boneca de que mais gostava era uma grande, que andava, mas as outras crianças tinham medo dessa boneca, aí ela chamava as crianças para sua casa e colocava a boneca para andar, assustando todo mundo. Ela ria muito. Com as amigas e amigos, gostava de brincar de melancia, macaco, pícua e cozinhando. Quando brincava de cozinhando, fazia comida de verdade e chamava os meninos que ficavam na rua para comer.

Maria Luisa era bem moleca e não deixava de aprontar. Junto com os amigos Fernandinho e Beto, amarrava um cordão no batedor das portas. Quando estavam a uma boa distância, puxavam o cordão fazendo de conta que alguém estava batendo na porta. Quando as senhoras saíam para ver quem era, não tinha ninguém.

Nas escolas onde estudou também aprontou muito. Passou pela Escola Pinóquio, Colégio São José. Ela inventou que os sete anões da Branca de Neve estavam no jardim da escola, e com isso as crianças não queriam ir mais para a escola com medo.

Ela gostava muito de viajar e sair para se divertir. Viajava com os avós e com os amigos. Certa vez, queria viajar com os amigos, mas seus avós não deixaram, então ela foi vender cachorro-quente para pagar a viagem e acabou sendo vista por um amigo de seu avô.

Maria Luisa estudou fora do Brasil. Uma vez, ela é quem foi vítima de uma brincadeira dos amigos, que esconderam a sua bolsa, onde estavam guardados dinheiro e documentos. Quando ela pegou no sono, os amigos esconderam a sua bolsa. Quando acordou e não encontrou

a bolsa, ficou desesperada. Gritou, esperneou, então os amigos, depois de algum tempo, lhe devolveram a bolsa e riram muito dela. Ela então pediu-lhes em promessa que, quando ela morrer, eles teriam de colocar a bolsa dela no caixão, senão ela iria voltar para puxar-lhes os pés. A tal bolsa está guardada para que façam o combinado.

Maria Luisa cresceu, virou adulta, se casou, adotou três lindos filhos. Agora é conhecida como tia Lu, uma pessoa muito carinhosa e que gosta de ajudar muitas pessoas. Ela não para! Ajuda várias instituições, asilos, escolas e moradores de rua, de várias formas: doa cestas básicas, roupas, brinquedos, produtos de limpeza; como aprendeu com seus avós, realiza eventos e festas beneficentes para aqueles que mais precisam.

Ela não esquece um caso que aconteceu em uma visita que fez a um asilo. Lá encontrou uma senhora que se arrumava todos os dias para esperar os filhos, que nunca apareciam. Tia Lu resolveu convidar a senhora para ir à missa, mas ela não aceitou porque, se fosse, os filhos chegariam e não iriam encontrá-la. Ela continua visitando a senhora e pede para que outras pessoas façam a mesma coisa; que visitem o asilo e conversem com os velhinhos.

Tia Lu tem o costume de passar o dia do seu aniversário em São Paulo. Uma vez, quando estava em um hotel no dia do seu aniversário, sua irmã apareceu de surpresa cantando parabéns. Também fizeram um jantar para comemorar e ela ganhou muitos presentes – bolsa, brincos, pulseiras.

Tia Lu é uma pessoa muito bondosa, alegre, carinhosa, solidária, humilde. Tem um coração enorme, principalmente com as pessoas que mais precisam. Ela sonha em construir um local onde os moradores de rua possam ir comer e tomar banho.

Em um dia chuvoso, perdeu muitos móveis, porque a água entrou dentro da sua casa. Então, tia Lu decidiu que os bens e as lembranças a que iria ficar apegada eram os de ajudar as pessoas.

E, assim, Maria Luisa continua na sua caminhada de ajudar a todos que precisam e ser amada por todos que a conhecem.

Maria Luisa Porfírio Sousa foi entrevistada pela professora Luíza Cristina Santos de Jesus e seus alunos da escola EM Professor Freire Filho. Esse texto foi produzido coletivamente pelos alunos.



A faculdade mudou sua vida

Jacirema dos Santos nasceu no Bairro da Liberdade, na cidade de Salvador (BA). Nasceu em casa, com uma parteira, no dia 7 de agosto de 1963. Seu pai, José Domingos, trabalhava na Prefeitura Municipal de Salvador e sua mãe, Anunciação Piedade dos Santos, era empregada doméstica. Ela tem três irmãos por parte de pai e três por parte de mãe, sendo apenas uma irmã.

Quando criança, gostava de ouvir as histórias que eram contadas por sua avó. Brincava na rua onde morava e uma vizinha também lhe contava histórias emocionantes e envolventes.

Brincou muito na rua, apesar de uma infância carente e sem brinquedos. Brincou de gude, fura pé, amarelinha, sete pedrinhas, pega-pega, pula corda etc. Ela teve uma infância muito legal!

Não pensava em ser professora. Foi incentivada por sua prima Marinalva. Pensava em ser dançarina, pois gostava de dançar. Também queria ser química e contadora.

Seu primeiro trabalho foi em um escritório de detetização, onde ela atendia os telefones. Também trabalhou em uma creche, depois

como vendedora em uma loja de roupas e por último como professora. Com o salário que recebia, pagava o aluguel, a faculdade, comprava alimentos, entre outras necessidades. Não lhe sobrava dinheiro para passear nem para comprar roupas.

A partir da faculdade, sua vida mudou muito. Ela considera o momento de sua formatura como um dos mais marcantes da sua vida, colocando em grau de importância como o nascimento de sua filha.

Jacirema contribuiu muito e continua contribuindo para a comunidade do bairro Lobato. Ela sonha que a educação municipal de Salvador fique cada vez melhor, formando gerações de pessoas competentes que desejem crescer. Ela sabe muito bem o que a educação fez na vida dela, e é isso o que deseja para os alunos e para a sua filha: que todos se formem e tenham sucesso na vida.

Jacirema Piedade dos Santos foi entrevistada pela professora Edirene de Andrade Gomes e seus alunos do 4º A da EM Santa Luzia do Lobato. Esse texto foi produzido coletivamente pelos alunos.



ElB

Escola é um lugar para todos

Maria Auxiliadora da Luz Alves, mulher, negra, brasileira, nordestina, baiana, casada, nasceu em 24 de maio 1948. Filha de Ângelo Fernandes Alves (mestre de obras) e Ismênia da Luz Alves (costureira e bordadeira), é residente do bairro Vasco da Gama, na chamada Rua da Lama, na periferia de Salvador.

Maria é parte de uma família grande. Morava numa casa com seus 13 irmãos. Sua mãe faleceu cedo, por isso foi criada pelo pai e por seus irmãos mais velhos. A relação com a família era uma benção, mas ela aprontava. Gostava de sambar na rua e de cantar músicas impróprias, que seus irmãos não gostavam, então puxavam-lhe a orelha e a colocavam de castigo atrás da porta. Mesmo assim, logo depois estavam de bem novamente.

Maria Auxiliadora teve uma infância divertida, sempre com muitas brincadeiras. Gostava de chutar lata, esconde-esconde, pega-pega, patinete, bicicleta, pular corda e tocar campainha das casas e sair correndo. Tinha uma amiga desde criancinha, a Edvirgens. As duas aprontavam muito.

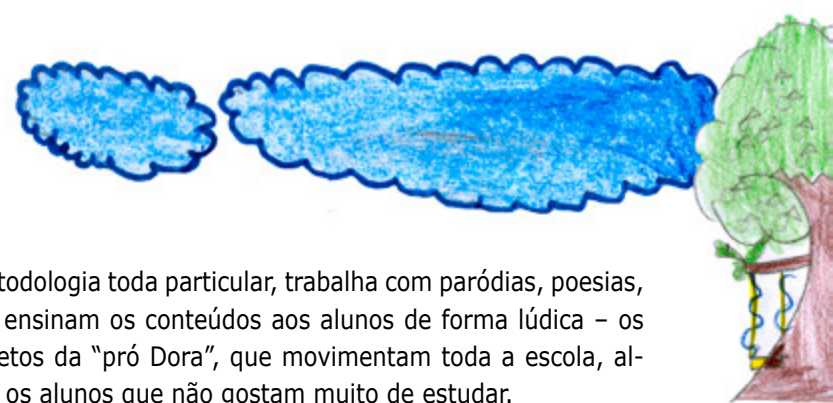
Ela é professora, mas contou que não gostava de estudar. Era uma aluna regular, só ia à escola forçada pela irmã mais velha. Gostava de inglês, mas achava horrível estudar português e matemática. Seu comportamento na escola era péssimo, chegou até ser suspensa durante duas semanas.

Mas como então ela se tornou professora? O que definiu sua vida profissional foi acompanhar sua irmã mais velha para o trabalho. Ela era professora, e Maria Auxiliadora a ajudava fazendo as pontas dos lápis dos alunos, mas não ganhava nada. Esse contato direto na sala de aula despertou o seu interesse pela educação. Isso foi decisivo para ela fazer magistério.

Com seus 15 anos de idade, Auxiliadora começou a ensinar em casa, gratuitamente, para crianças que tinham dificuldades na escola. Após formar-se em Magistério, sua primeira experiência profissional foi numa creche, onde trabalhou por vários anos.

Em 1985 ela chegou à Escola Municipal Dr. Marcos Vinícius Vilaça – o Vilaça. A escola era muito diferente de hoje. Antes de ser escola, era uma fazenda com animais e também tinha uma horta. O bairro era um lugarejo, com coqueira, cavalos, bois, vacas, porcos, galinhas. Todo tipo de animal andava livremente pelas ruas.

A primeira turma com quem trabalhou no Vilaça foi o 1º ano, onde nasceu seu amor pela alfabetização. Não lembra a quantidade de alunos que foram alfabetizados por ela, mas lembra que foram muitos, principalmente aqueles mais indisciplinados.



Com uma metodologia toda particular, trabalha com paródias, poesias, histórias que ensinam os conteúdos aos alunos de forma lúdica – os famosos projetos da “pró Dora”, que movimentam toda a escola, alcançando até os alunos que não gostam muito de estudar.

Maria Auxiliadora tem uma relação de amor com os alunos e a comunidade do Brongo, como é conhecida a localidade onde está a escola. Ela disse que “mora na escola e dorme em casa.” Ela se preocupa com os alunos que faltam às aulas e, muitas vezes, aos finais de semana visita suas casas para saber porque estão faltando. Os alunos são como os filhos que não teve. Casada com o sr. Altino, companheiro de toda sua vida, não teve filhos, por isso considera cada aluno de nossa escola com amor de mãe, avó e quem sabe até bisavó. Por essa escola, já foi capaz de dar o remédio ao marido doente, deixá-lo em casa e ir trabalhar, para honrar seu compromisso com as crianças.

Para ela, dia de pagamento é o melhor dia do mês, é o dia que vai “na cidade” comprar muitos presentinhos para seus alunos. Nos conta que separa sempre um dinheirinho no mês para os lápis, borrachas, canetas, cadernos e outras coisinhas que os alunos estão sempre precisando.

Dona de uma voz muito potente e que é só sua, circula pela nossa escola chamando os alunos que estão fora da sala de aula, fazendo -os entrar, pois, hoje a professora Auxiliadora é a coordenadora de disciplina na nossa escola. Muito intrigante essa situação, já que ela mesma disse que não era uma criança muito quietinha, e que já deu muito trabalho na escola.

Nossa querida Dora, como é carinhosamente chamada em nossa escola, é famosa por sua alegria de viver, carinho e dedicação à nossa comunidade. É considerada uma professora feliz e realizada.

Sua presença nas festas da escola é sempre marcante. Ela se fantasia e entra em qualquer personagem para garantir a diversão e atenção de todos para o evento. Dançarina profissional, nunca está cansada demais para uma boa reboadinha. Convidando seus alunos, pais, mães, avós, tios, tias, professores e funcionários para dançar e brincar, sempre nos ensinando que a escola é lugar para todos, independentemente de cor, raça ou religião.

Por muito motivos ela será sempre lembrada pela família Vilaça, mas de uma coisa nunca esqueceremos: mexam com ela, mas não mexam com seus alunos. Ela não deixa ninguém falar mal da gente. Quando precisa chamar nossa mãe ou pai para fazer uma queixa, ela sempre dá um jeito de amenizar as coisas. Mas ela não deixa barato nossa bagunça: briga, grita, mas é sempre com muito amor.

Maria Auxiliadora da Luz Alves foi entrevistada pela professora Maria Auxiliadora Almeida de Araújo Bispo e seus alunos da escola EM Doutor Marcos Vinícius Vilaça. Esse texto foi produzido coletivamente pelos alunos.

Valdomira



Brava e carinhosa

Valdomira, ou dona Totuca como é conhecida, nasceu e viveu até os 14 anos na Ilha de Itaparica; depois foi para Salvador. Ela era menina levada, cheia de peraltices. Certa vez, ela e as amigas foram ao enterro de um senhor na Ilha de Itaparica para aproveitar o que era servido. No local onde estava o defunto, era um grande entra e sai. Numa dessas idas e vindas, Totuca derrubou a coroa de flores, fazendo um grande barulho, que chamou a atenção. Uma tia dela foi logo na sua casa fazer queixa à sua mãe.

Ela contou que Mãe Ondina morava na casa onde é a nossa escola. Após a sua morte, a casa foi doada pelos familiares ao Mestre Didi, que construiu e fundou a Creche Mini Comunidade Obá Byi e hoje é a escola municipal.

Totuca foi muito amiga de Mãe Stella, que já nos deixou; ela era a mãe de santo do Ilê Axé Opô Afonjá, terreiro de candomblé.

Ela contou emocionada que, com Mãe Stella, costumava brincar, fazer peraltices, contar muitas piadas e que riam muito.

Dona Totuca trabalha na cantina da escola. Ela é, ao mesmo tempo, brava e carinhosa. Gosta de dar apelidos engraçados aos pequenos. Todos adoram a Dona Totuca.

Valdomira Maria dos Santos

Alcântara foi entrevistada pela Professora Mariângela Tereza Macedo Jorge e por seus alunos da escola EM Eugênia Anna dos Santos. Esse texto foi produzido coletivamente pelos alunos.

Dona Totuca

Lata d'água na cabeça

Dona Celia começou a trabalhar muito cedo, aos 9 anos de idade, em uma casa de família para ajudar os seus pais, que também trabalhavam no campo. Eles trabalhavam numa cidade do interior com poucos recursos. Carregavam latas d'água na cabeça.

Mesmo tendo que trabalhar ainda criança, ela conseguia brincar, tomava banho no rio com os amigos, brincava de amarelinha, pular corda, pega-pega, esconde-esconde, fazia seus próprios brinquedos de madeira e bonecas de palha e pano.

Celia Maria de Jesus Teles

foi entrevistada por Patrícia Castro Trigueiros da Rocha e seus alunos da escola EM Beatriz de Farias. Esse texto foi produzido coletivamente pelos alunos.

Ela saiu da casa dos seus pais com 14 anos e foi morar com a irmã na cidade grande. Teve o seu primeiro namorado aos 16 anos. Aos 20 anos teve o seu primeiro filho. É moradora do bairro Boca da Mata há 25 anos. Presta seus serviços na escola há 21 anos.

Celia disse ser uma pessoa muito feliz com a vida que leva.





O professor faz a diferença na vida das crianças

Zuleide Borges teve uma vida muito difícil. Ela nasceu em 29 de maio de 1966 na Ilha da Pescaria, município de Ituberá, Estado da Bahia.

Aos dois meses de idade, sua mãe biológica lhe deu para os pais adotivos José Pedro Moreno, que era pescador, e Maria Joventina Moreno, que era lavadeira. Seus pais foram morar em Salvador, em um bairro chamado San Martin. Devido à situação de pobreza da família, que passou muitas dificuldades, como fome e doenças, vários irmãos morreram.

O pai de Zuleide era alcoólatra e sua mãe, muito severa. Para ajudar a família, começou a trabalhar muito nova em casa de família.

A pobreza era muito grande, e Zuleide não aceitava passar por tudo aquilo. Por isso procurava ser diferente para mudar essa situação. Sua maior diversão era ler gibis, e isso deixava sua mãe nervosa; ela acabava apanhando. Mesmo assim, não desistia e, quando queria ler suas revistinhas, fazia isso escondido.

Zuleide começou a frequentar uma escola muito longe de casa. Todos os dias ia a pé, mas não desistia de estudar. Ela entendia que só estudando podia melhorar sua vida. Conheceu algumas pessoas que a ajudaram muito na vida. Uma delas foi o seu professor de catequese, padre Gama, que lhe ensinou todos os princípios morais.

A descoberta de que era adotada, aos 13 anos, foi um momento muito difícil para Zuleide. O fato não a impediu de seguir em frente. Passou para o segundo grau e resolveu voltar para Ituberá, porém lá as escolas públicas só funcionavam até o primeiro grau. Conversando com algumas pessoas, ficou sabendo que dr. Marcionílio, um fazendeiro importante da cidade, dava bolsas de estudos. Não pensou duas vezes: foi até ele e conseguiu uma bolsa para estudar numa escola particular chamada Santo André. No ano seguinte, não pôde mais contar com a ajuda de dr.



Marcionílio, por isso foi até o prefeito pedir e ele lhe deu a bolsa de estudos para terminar o Magistério.

Conciliando estudo e trabalho, usou o seu primeiro salário para comprar uma geladeira usada para sua mãe. Quando formada, passou a trabalhar como professora em uma escola da prefeitura de Ituberá. Depois, voltou para Salvador e foi dar aulas em uma escola particular. Conheceu José, "um belo rapaz" disse, começaram a namorar. Casaram e tiveram dois filhos, um menino e uma menina.

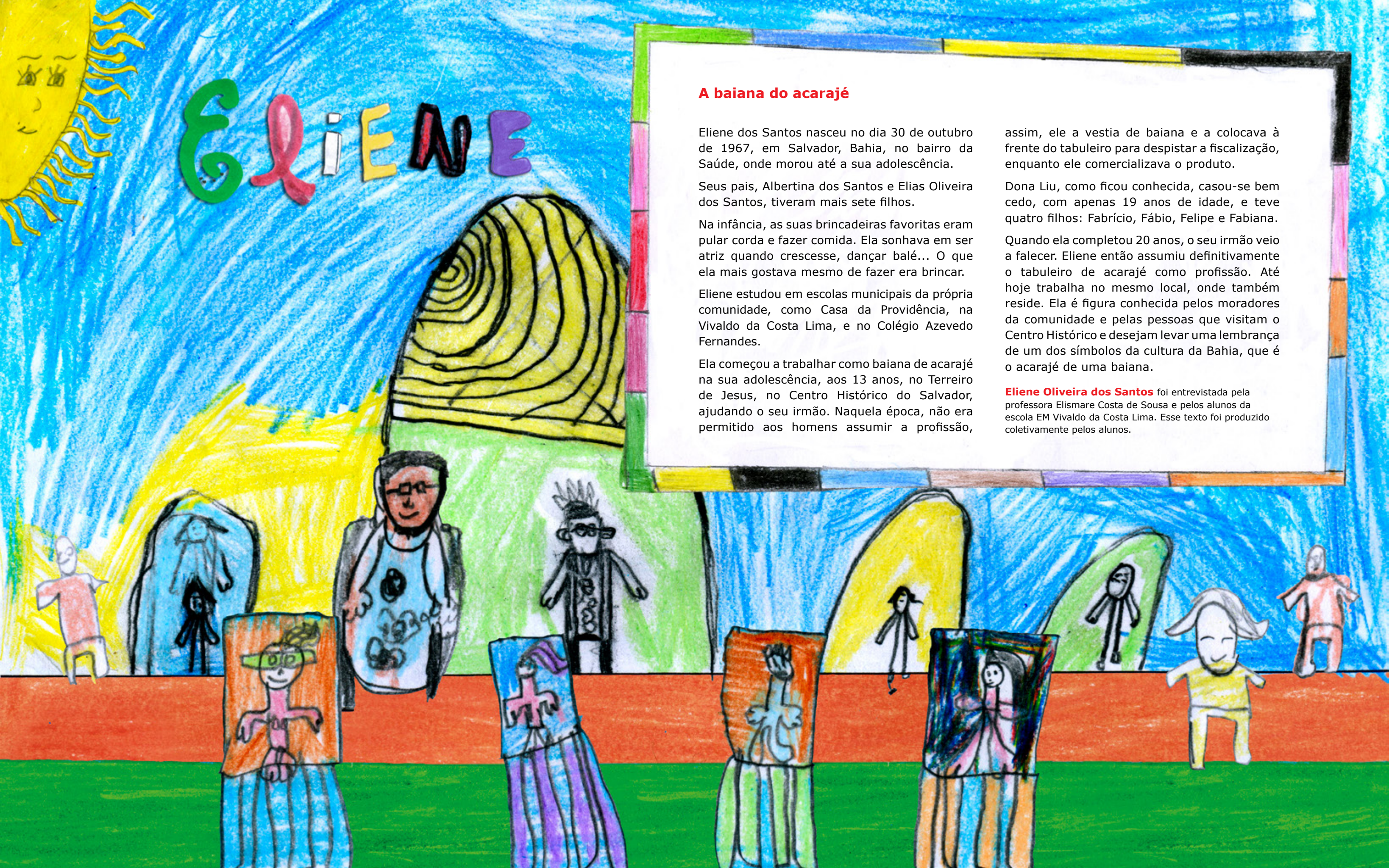
Zuleide viu que precisava ir mais longe. Prestou vestibular para Pedagogia. Passou no exame, estudou muito, formou-se e depois prestou concurso na prefeitura de Salvador para ser professora. Foi contratada na Escola Municipal do Bairro da Paz e lá encontrou uma realidade de pobreza muito parecida com a que viveu na sua infância. Lá trabalhou durante três anos e realizou o seu sonho: alfabetizou as crianças e foi muito feliz naquela escola ajudando os alunos a terem esperança de mudança de vida.

Algum tempo depois, foi convidada para trabalhar na Escola Municipal Pedro Veloso Gordilho como vice-diretora. Dois anos depois, passou a ser diretora dessa escola. Como a educação transformou sua vida, acredita que o trabalho do professor pode fazer a diferença na vida de crianças. Ela sempre diz isso aos alunos.

Hoje a Escola Municipal Pedro Veloso Gordilho é conhecida pelo trabalho que desenvolve e tem o segundo melhor Ideb da Rede Municipal de Salvador, porque, além de se preocupar com a aprendizagem, o maior objetivo de Zuleide é o bem-estar dos seus alunos. Ela deseja muito que suas crianças sejam grandes profissionais, que tenham a mesma oportunidade que ela teve, que encontrem pessoas que ajudem em suas vidas, que façam sucesso e sejam felizes.

Zuleide Moreno Borges foi entrevistada pela professora Edlaine Prata Abbud e seus alunos da escola EM Pedro Veloso Gordilho. Esse texto foi produzido coletivamente pelos alunos.





ELIENE

A baiana do acarajé

Eliene dos Santos nasceu no dia 30 de outubro de 1967, em Salvador, Bahia, no bairro da Saúde, onde morou até a sua adolescência.

Seus pais, Albertina dos Santos e Elias Oliveira dos Santos, tiveram mais sete filhos.

Na infância, as suas brincadeiras favoritas eram pular corda e fazer comida. Ela sonhava em ser atriz quando crescesse, dançar balé... O que ela mais gostava mesmo de fazer era brincar.

Eliene estudou em escolas municipais da própria comunidade, como Casa da Providência, na Vivaldo da Costa Lima, e no Colégio Azevedo Fernandes.

Ela começou a trabalhar como baiana de acarajé na sua adolescência, aos 13 anos, no Terreiro de Jesus, no Centro Histórico do Salvador, ajudando o seu irmão. Naquela época, não era permitido aos homens assumir a profissão,

assim, ele a vestia de baiana e a colocava à frente do tabuleiro para despistar a fiscalização, enquanto ele comercializava o produto.

Dona Liu, como ficou conhecida, casou-se bem cedo, com apenas 19 anos de idade, e teve quatro filhos: Fabrício, Fábio, Felipe e Fabiana.

Quando ela completou 20 anos, o seu irmão veio a falecer. Eliene então assumiu definitivamente o tabuleiro de acarajé como profissão. Até hoje trabalha no mesmo local, onde também reside. Ela é figura conhecida pelos moradores da comunidade e pelas pessoas que visitam o Centro Histórico e desejam levar uma lembrança de um dos símbolos da cultura da Bahia, que é o acarajé de uma baiana.

Eliene Oliveira dos Santos foi entrevistada pela professora Elismare Costa de Sousa e pelos alunos da escola EM Vivaldo da Costa Lima. Esse texto foi produzido coletivamente pelos alunos.



Seus maiores amores

No sertão da Bahia em um povoado chamado Tingui, Cleziane, durante suas férias, se sentava para ouvir seu avô contar casos de assombração. As histórias narradas deixavam todo mundo arrepiado da cabeça aos pés.

Em 1983, os pais de Cleziane tiveram que sair da região de Geremoabo, norte da Bahia, devido a uma grande seca. Seu pai, José, e sua mãe, Lindalva, eram agricultores, mas naquelas condições não podiam mais continuar a viver onde moravam. A família, os pais mais a irmã, se mudaram para Salvador para conseguir algum emprego. Na capital baiana, o pai foi trabalhar como servente de pedreiro e a mãe como costureira.

Foram morar no bairro da Sussuarana, onde Cleziane passou a infância com muitas dificuldades e privações. A situação difícil ajudou-os a ficarem mais unidos e fortes como família. Cristiane, sua irmã, tornou-se grande parceira da vida e juntas têm amor infinito uma pela outra.

Desde muito nova Cleziane sonhava em ser professora. Quando foi fazer o ensino médio matriculou-se no Magistério. No segundo ano de estudo do curso, foi escolhida pelos professores para assumir a regência de uma classe de aula. Daí em diante, nunca mais parou. Isso foi há 22 anos.

Logo após concluir o Magistério, ela prestou vestibular para Pedagogia na Universidade Católica do Salvador, passou e se formou. Foi a primeira pessoa na família a conseguir um diploma de curso superior. Fato histórico, de grande importância e emoção para ela, familiares e amigos.



Cleziane trabalhou muitos anos na educação infantil em escolas particulares da cidade, até que prestou concurso para a Prefeitura Municipal de Salvador. Foi aprovada, iniciando a sua jornada na educação de jovens e adultos, atividade que realiza com todo amor e carinho.

Para ela, a história de vida dos alunos é um ensinamento diário para seu crescimento. Depois, em 2007, prestou outro concurso, e mais uma vez foi aprovada, dessa vez como coordenadora pedagógica. Desde então trabalha na Escola Conselheiro Luiz Rogério auxiliando no trabalho desenvolvido pelas professoras.

Hoje em dia seus maiores amores são a sua pequena sobrinha de 2 anos, chamada Lis, que ela ama do fundo do seu coração, e os livros em que ela passa horas e horas mergulhada.

Ela deseja para todos nós que nunca desistamos de nossos sonhos. Disse que gentileza gera gentileza, por esse motivo é importante amarmos as pessoas; que lugar de menina/mulher é onde ela quiser; que devemos lutar por direitos iguais; devemos valorizar e respeitar as diferenças, não aceitando o preconceito e a discriminação de qualquer espécie.

Cleziane tem muitos sonhos na vida e acredita que vai conquistá-los. Um deles é construir uma biblioteca repleta de livros para contar histórias.

Cleziane Almeida Silva foi entrevistada pela professora Ediene Bastos de Oliveira e por seus alunos da escola EM Conselheiro Luiz Rogério. Esse texto foi produzido coletivamente pelos alunos.

ALEGRIA



Instituto Museu da Pessoa

Diretora-Presidente

Karen Workman

Direção Executiva

Sônia Helena Dória London

Relações Institucionais

Rosana Miziara

Instituto Avisa Lá

Presidente

Maria Cristina Meirelles

Coordenação Executiva

Silvia Maria Pereira de Carvalho

Coordenação Adjunta

Cisele Ortiz

Ultragaz / Brasilgás

Gerente de Sustentabilidade

Daniela Gentil

Analista de Sustentabilidade

Mayara Andrade Lima

Prefeitura Municipal de Salvador

Prefeito Municipal

Antonio Carlos Peixoto de Magalhães Neto

Secretário Municipal de Educação

Bruno Barral

Subsecretária Municipal de Educação

Rafaella Pondé

Diretora Pedagógica

Joelice Ramos Braga

Gerente de Currículo

Edna Rodrigues de Souza

Coordenação Pedagógica

Olgalice Suzarte dos Santos

Equipe Formadora

Noliene Silva de Oliveira

Isabela Silva Cavalcanti

Técnica Responsável

Inaracy Queiroz

**Projeto Memória Local na Escola,
Memórias Compartilhadas –
Salvador, 2019**

Coordenação Geral

Sônia Helena Dória London

Silvia Pereira de Carvalho

Gestão de Projetos

Renato Herzog

Coordenação do Projeto

Raquel Ribeiro

Coordenação Técnica

Márcia Cristina da Silva

Produção

Ane Alves

Formação

Alessandra Ancona de Faria

Lia Cristina Lotito Paraventi

Maria Paula Gennari Guimarães Twiaschar

Escolas Participantes

EM Professor Antonio Carlos Onofre

Professora

Berla Oliveira de Almeida Aquino

Direção

Carolina Carqueija Lima

Vice-Direção

Nilda Simões de Azevedo

Coordenação

Edlamar Oliveira Nunes Dias

EM Nossa Senhora de Fátima

Professora

Ivete Cirqueira dos Santos Gonzaga

Direção

Carla Luciana Rodrigues dos Santos

EM Professor Freire Filho

Professora

Luíza Cristina Santos de Jesus

Direção

Antonia Catia Santos Teles

Vice-Direção

Sandra da Conceição Ramos Santos

Coordenação

Ivanildo Cajazeira

EM Santa Luzia do Lobato

Professora

Edirene de Andrade Gomes

Direção

Jaciara Pimentel Simas

Vice-Direção

Roberta Carolina Ribeiro Paixão Silva

Coordenação

Edileuza Alves Pereira

EM Doutor Marcos Vinícius Vilaça

Professora

Maria Auxiliadora Almeida de Araújo Bispo

Direção

Thais dos Anjos Marinho

Vice-Direção

Monele Bezerra dos Santos

Coordenação

Isis Sousa Carneiro

EM Eugênia Anna dos Santos

Professora

Mariângela Tereza Macedo Jorge

Direção

Iraildes Santos Nascimento

Vice-Direção

Catarina Roberta Lima

Coordenação

Alexsandra Souza de Oliveira Lima

EM Beatriz de Farias

Professora

Patrícia Castro Trigueiros da Rocha

Direção

Fábia Alessandra Maciel de Almeida

Vice-Direção

Fabiana Neves de Gusmão Nascimento

Coordenação

Laedson Carlos da Silva

EM Pedro Veloso Gordilho

Professora

Edlaine Prata Abbud

Direção

Zuleide Moreno Borges

Vice-Direção

Rita Ribeiro de Almeida Souza

EM Vivaldo da Costa Lima

Professora

Elismare Costa de Sousa

Direção

Joseane da Fé Copque

Vice-Direção

Adriana Santos da Boa Morte

Coordenação

Helena Cristina Santos Souza de Assunção

EM Conselheiro Luiz Rogério

Professora

Ediene Bastos de Oliveira

Direção

Celeste Matos dos Santos

Vice-Direção

Solange da Silva Oliveira

Coordenação

Cleziane Almeida Silva

Entrevistados

Celia Maria de Jesus Teles

Cleziane Almeida Silva

Eliene Oliveira dos Santos

Elivandro Paraguaçu de Santana

Jacirema Piedade dos Santos

Maria Auxiliadora da Luz Alves

Maria Luisa Porfírio Sousa

Valdomira Maria dos Santos Alcântara

Valmir Cerqueira Santos

Zuleide Moreno Borges

**Publicação Salvador – Histórias
de Infância e Educação**

Coordenação Geral

Sônia Helena Dória London

Edição dos Textos

Ari Meneghini

Revisão dos Textos

Sílvia Balderama Nara

Produção

Ane Alves

Design Gráfico

Fernanda Mascarenhas

Renato Theobaldo

Finalização Gráfica

Manar Zind

Produção Gráfica

Praxinoscópio

Desenhos e Produção dos Textos

Alunos participantes do projeto



Patrocínio



Apoio



Realização



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA



